DESARMADA



Ano I. Volume 7. Dezembro 2019

Editorial

Por Nuno Nabais

Recomeçar a vida a partir do nada tornou-se cada vez mais difícil. Por isso gostamos tanto do ritual do novo ano e das promessas de mudança de vida ao som das doze badaladas. É que esse é o único momento do ano em que acreditamos ser possível começar tudo de novo. E, no entanto ...



Não basta queimar os álbuns de fotografias, como faziam os nossos avós em momentos de desespero. Já não é possível apagar os registos pessoais do facebook ou do instagram. Em alguma "nuvem" da Cibéria todos os nossos emails estão arquivados.
Sob a aparência de uma inovação permanente, o mundo digital transformou cada vida num bloco imutável. No mundo dos Big Data somos todos chineses, somos todos algoritmos onde cada minuto do nosso passado está classificado e à disposição de versões dispersas do Big Brother. Porque não podemos simplesmente usar a tecla "delete", as multas que não pagámos não prescrevem, e as dívidas aos bancos não param de se abater sobre as nossas contas. Não é porque precisem do nosso dinheiro. Todos sabemos que bastaria obrigar o Joe Berardo a devolver os milhões à CGD para deixarem em paz milhares de pequenos devedores que têm as suas vidas asfixiadas. Se continuam a perseguir-nos com tudo o que devemos é para nos condenarem ao passado, para impedirem qualquer recomeço de vida.





Em lugar de ser um sentimento moral, o Dever tem vindo a ser transformado num vínculo inquebrável com alguma coisa que fizemos e que não conseguimos reverter. Nas últimas décadas o Dever só tem existido como dívida, como um dever sem fim. E esse dever já não é com o nosso futuro, com a nossa família, mas com o nosso passado e com o que nele há de mais individual. Quanto mais o dever tem a forma da dívida mais ele deixa de ser vivido como a contrapartida do direito. Não será essa uma das origens daquilo que alguns sociólogos chamam o "crepúsculo do dever"? A máxima "nenhum dever sem direitos, nenhum direito sem deveres" dissolve-se. Esta máxima fundou a experiência política dos tempos modernos. Hoje é o emblema do desaparecimento dos direitos fundamentais. Porque se transformou o dever moral (dever-para-com) em dever financeiro (dever-a), o próprio direito foi absorvido por aqueles que nos perseguem com as nossas dívidas. Só os bancos têm direitos. Todos os outros têm apenas deveres. E esses deveres são o dever de pagar tudo o que se está a dever.
Mas não são só os cadastros e as dívidas que nos amarram ao que somos. É o emprego que temos há demasiados anos. Porque nos custou tanto a conseguir seria insensato trocá-lo por outra coisa. É a casa que ainda não acabámos de pagar ou cuja renda o senhorio ainda não se lembrou de aumentar. E é também a imagem de um planeta em desagregação. Com cada vez mais milhões de deslocados e de refugiados, obrigados a mudar radicalmente de vida, a última coisa que queremos é deixar entrar essas catástrofes no nosso pequeno mundo. Porque o planeta muda depressa demais e para pior, sermos conservadores, garantir que nada se altera na nossa vida é tudo o que nos resta.



Fará então ainda algum sentido festejar a entrada num novo ano? Para quê insistir na ilusão de aproveitar o fim do "ano velho" para deitar fora tudo aquilo que na nossa vida gostaríamos de mudar? Ou, de forma mais radical, será mesmo possível alguém mudar de vida?

A Fábrica do Braço de Prata quer ajudar a encontrar uma resposta para estas questões.

Em primeiro lugar, com a sua própria história. Uma antiga fábrica de armas transformada, entre 2000 e 2002, em stand de vendas de apartamentos de luxo e, a partir de 2007, num centro cultural alternativo que garante concertos, exposições, livrarias, escola de música, bares, restaurante. É difícil imaginar uma mudança de vida mais profunda para uma fábrica de material de guerra. Por outro lado, até 2016, ano em que o edifício passou para propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, a existência deste centro cultural era absolutamente periclitante. Tínhamos apenas um contrato de comodato com a empresa imobiliária que havia comprado a antiga fábrica para ali construir um condomínio de luxo. A qualquer momento poderíamos ser convidados a abandonar estas 14 salas, a vender todos os pianos, e a começar tudo de novo a partir do zero num outro lugar. Nesse sentido, costumamos dizer que, na Fábrica, e durante muitos anos, era "novo ano" todos os dias.



Em segundo lugar, com a sua agenda, a Fábrica também pode inspirar técnicas de mudança de vida. Mantemos no nosso programa de concertos a presença regular dos músicos que marcaram mais fortemente, não apenas a nossa memória, mas o próprio panorama musical português. É o caso de Vitor Zamora, Carlos Barretto, Ricardo Pinto, Maria João, Ricardo Toscano, Nelson Cascais, Bruno Pedroso, Diego El Gavi, entre tantos outros. Mas, em paralelo a essa fidelidade aos nossos grandes músicos, fazemos questão de ter, em cada semana, pelo menos duas estreias. Isso significa que, ao longo do ano, arriscamos perto de 100 projectos musicais novos. É com se mudássemos de pele todas as semanas. No plano das exposições acolhemos todos os meses 7 a 9 novos artistas plásticos. Ao longo dos nossos quase 13 anos de existência, já demos a conhecer mais de 1.000 laboratórios estéticos diferentes. Este mês de Dezembro temos, entre outras, duas grandes exposições de dois nomes de referência: Sigurd Wendland (Berlim) e Carlos Rocha Pinto (Lisboa). Tanto um como outro já tinham exposto na Fábrica. E, em cada caso, o que é mais significativo é a imensa distância que separa cada exposição actual daquela apresentada há dois anos. Como se o facto de regressar à Fábrica obrigasse cada criador a reinventar o seu trabalho quase a partir do zero.



É porque somos o resultado de uma transformação radical de uma fábrica de armas, e porque acolhemos estéticas sempre mutantes - tanto no plano musical como no plano das artes plásticas - que acreditamos ter um efeito de contágio sobre aqueles que vêm aos nossos concertos, que visitam as nossas exposições e as nossas livrarias. Quem nos procura, animado por um apelo a mudar de vida, quase sempre experimenta aqui, dia após dia, a atmosfera de um novo ano onde tudo pode começar outra vez.

Compreende-se assim que a Fábrica do Braço de Prata prepare com tanto cuidado, e todos os anos, a sua Festa de Fim de Ano. É o momento de fazer convergir para uma única noite as mil e uma energias de recomeço radical que atravessam cada um e todos os nossos dias.

Este número da Desarmada procura capturar essas várias linhas de energia. Dá notícia de alguns dos grandes eventos do mês de Dezembro - em particular do primeiro festival de música cigana. Apresenta as várias exposições do mês. E anuncia já o primeiro Curso Internacional de Verão da Fábrica do Braço de Prata, a realizar em Junho e Julho de 2020.

O lema deste ano da nossa festa de passagem de ano é POR UNS NOVOS LOUCOS ANOS 20. Há 100 anos a década de 20 foi, sem qualquer dúvida, a mais criativa do século. Depois da tragédia da primeira guerra mundial, e antes de ser capturada por várias formas de totalitarismo, a Europa viveu, no intervalo de 10 anos, as mudanças mais radicais de toda a sua história. Da tentativa de reinventar a humanidade na União Soviética ou da procura de uma refundação da Alemanha na República de Weimar, passando pelos movimentos surrealistas de Paris, pelas performance DADA em Zurique, pela importação fulgurante do Jazz em muitos dos clubes noturnos - de Lisboa a Budapeste e a Praga - todas as vanguardas políticas e estéticas anunciavam novas formas de vida. É a celebração dos 100 anos dessa década “louca” que inspira a nossa festa de ano novo. Queremos que, no momento de fazer promessas de mudança de vida ao bater a meia-noite, todos os que vierem festejar connosco sejam contagiados por essa força do recomeço radical que define a alma da Fábrica do Braço de Prata.

Exposições de Dezembro

Por Anita Pinto

Neste último mês do ano, para acompanhar-nos no rito de passagem, a Fábrica recebe exposições de cinco artistas especiais. Entre novos e talentos de nome já conhecidos, as cinco individuais celebram em comum o caráter pictórico das belas artes: xilogravuras e serigrafias de Dani Acioli, retratos da nova Lisboa de Carmo Almeida, as mandalas e mantras de Amar Bhagat Singh, o abstrato trazido pelo mestre Rocha Pinto e a excelência figurativa de Sigurd Wenland, que aterriza em solo lisboeta especialmente para essa mostra.





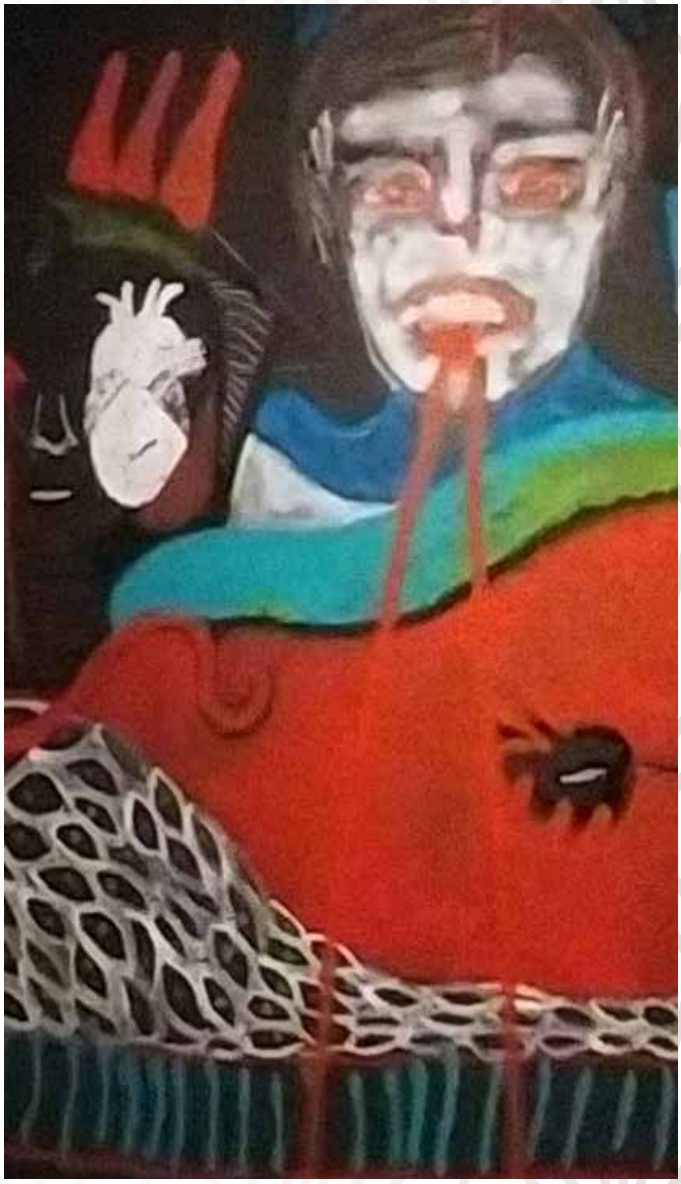






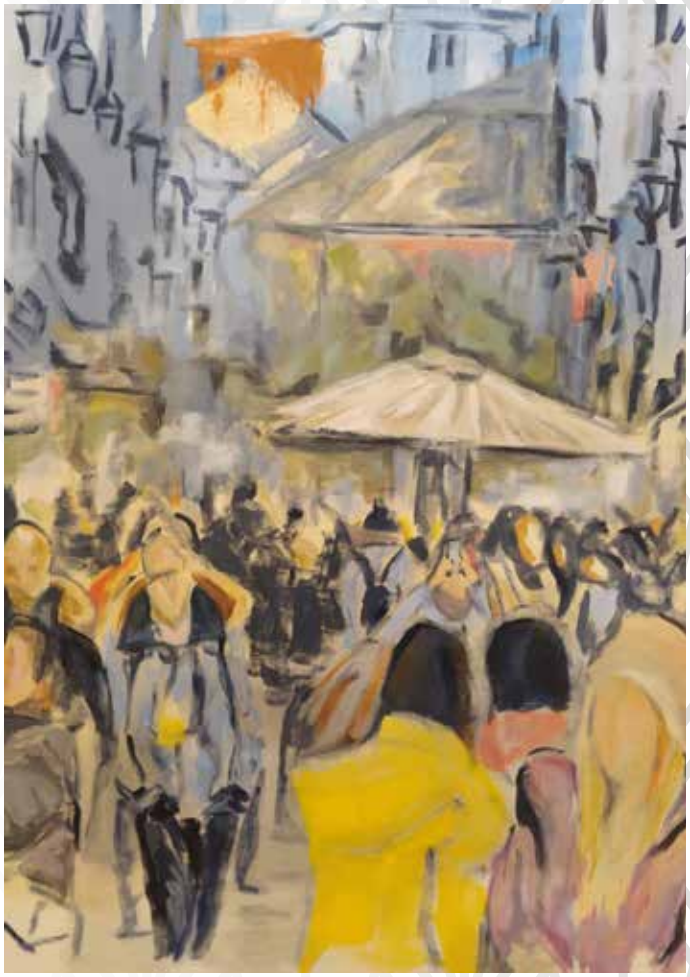
Não por acaso, somente no início do mês na Woolf, reforçando o poder do feminino que a sala traz em seu nome, recebemos a exposição Histéril, de Dani Acioli (Pernambuco, BR). Entre pinturas, serigrafias e gravuras em tom de cordel - estilo naïf, típico da região do nordeste do Brasil - as imagens retratam reflexões do impacto que a pequenina máquina da mente consegue ter no vaso corpóreo.





No cordel tradicional, conta-se sempre uma história que é ambientada no sertão. No trabalho de Dani a protagonista e figura central é a mulher contemporânea, empoderada e feminista. Os coadjuvantes são complementos inspirados pelo momento político atual e conservador que ajudam a ilustrar uma difícil digestão que reverbera em toda a estrutura psicológica da personagem.





Minha Lisboa dEles, de Carmo Almeida (Lisboa, PT), na sala Prado Coelho, nos convida a refletir sobre os dois lados do crescimento turístico em Lisboa e os resultados da gentrificação para a população local. As pinturas apresentam os novos personagens com uma leve descaracterização, responsável essa por imprimir uma nova perceção ao olhar da cidade. A artista pede licença para repensar os efeitos dessa acelerada transformação



Quem entrar na sala Beauvoir em Dezembro, terá a mística experiência das obras de Joaquim Pragana (Algarve, PT), artista que, como uma das grandes pioneiras do abstracionismo, a sueca Hilma af Klint, atribui a condução de sua obra à um espírito de ordem elevada chamado Amar Bhagat Singh, nome que assina seus trabalhos. Inspirado por filosofias hinduístas, mitologia celta e oriental, Amar desenvolve mandalas fundamentadas em proporções geométricas consideradas sagradas e no estudo da aplicação terapêutica de símbolos e cores.













Aguardávamos o final do ano para celebrar aqui na Fábrica o trabalho de Rocha Pinto (Lisboa, PT). A série de nome “Shadows”, ou sombras, traz à nossa sala Kandinsky a tentativa do artista de desenlaçar impressões e ruídos do inconsciente, resgatados de planos similares a chamada hipnagogia, um estado que tem local entre o estar dormindo/acordado.

O trabalho estampa essa imaterial e difusa recordação. As abstrações se movimentam como se estivessem a desvanecer e a escapar em suas poucas cores na tela em branco que tem gravada a não-presença desses fragmentos de memória. A sombra existe por uma ausência parcial da luz, assim também, numa saudação à essa ausência, acontece a nova série de Rocha Pinto.

Acerca de seu trabalho apresentamos o texto curatorial de António Bivar Segurado:

SHADOWS, DE ROCHA PINTO

Ao raiar do dia nascem as sombras – Shadows - vindas pela forte luz do sol e sabemos que sem luz as sombras não crescem e não se alcançam. No eclipse total, a imensa escuridão momentânea e fria dilui-se na realidade perseguida e seguida por uma quente penumbra.
A chegada no crescendo da anunciada luz e quando plena radia e projeta as sombras num renovar da existência. A luz interior do pintor Carlos Rocha Pinto irradia pela pintura a multiplicidade de "Shadows" – sombras no jogo da percepção das cores contra a tela alva.
A aurora de um novo dia a iluminação da vida e dos sentires. A percepção no seu auge.





Todos gostamos de um nascer ou por de sol, por essas diferenças que nos invadem os sentires, o acordar ou o adormecer, o sentir entre raios de luzes as outras cores, o sentir da renovação. O expressionismo individual deste artista plástico libertou-se tal a borboleta colorida do casulo ou da arte abstrata, casulo esse tecido de fios condutores por Malevich, Kandinsky e outros. Pode-se evocar na linguagem gestual aplicada e espalhado na tela por Rocha Pinto, Jackson Pollock mas esta difere na técnica e pelo maior controlo da composição espontanea, ou também pelo uso cromático e composição De Kooning mas as diferenças residem pelo sintético ou síntese dos temas em representação.`



Bate e bate as asas, pela pincelada sobre pincelada o artista irradia pelas cores, emoções e sensações coloridas, regista em tela formas e movimentos numa linguagem plástica muito sua contagiando o observador na sua percepção. Esta sua arte pela sua evolução cíclica tem sulcado e semeado o campo fértil das artes plásticas em Portugal ao longo de quatro décadas. Repete-se agora mais um ciclo, esse que serpenteia a vida, eis o trabalho de pintura a óleo de Rocha Pinto, refletido no brilho, nas cores e texturas das suas obras, agora exposto na Fábrica do Braço de Prata.

ANTÓNIO BIVAR SEGURADO





Em todas as outras salas temos o Sigurd Wendland (Berlin, DE), que tem a exposição mais longa e fica connosco até o final de fevereiro. Para esse grande mestre, eu deixo as palavras do texto da curadora de seu último trabalho, Nina Sitz, falarem a vós.





No início do processo de trabalho de Sigurd Wendland, há idéias pictóricas, a partir das quais ele desenvolve sua arte complexa e narrativa. Ele encena cenários enigmáticos em imagens monumentais de grupo de dinâmica barroca e colorido: no violento entrelaçamento e até mordida dos protagonistas, que às vezes se procuram agressivamente e às vezes com prazer, ele consegue representações impressionantes de violência e violência.

Ternura, luta impiedosa e dedicação amorosa. Os rostos costumam mostrar expressão exagerada, tão teatral quanto as máscaras que aparecem, por exemplo, na imagem do "carnaval". Apesar da proximidade física, os atores quase sempre expostos parecem estranhamente isolados: falta o contato visual entre eles, os olhos estão fechados ou direcionados para o visualizador de imagens.





Quando eles abordam seus companheiros seres humanos com implementos como motosserras ou se amam em um carrinho de compras vazio ou em frente a uma geladeira aberta, pode-se adivinhar a natureza dos relacionamentos interpessoais implicados aqui. Wendland gosta de brincar com símbolos e fazer conexões incomuns. Provocativamente, ele combina o técnico e o profano com o espiritual, especialmente com elementos muito livremente interpretados da iconografia cristã do contexto da Paixão.





Portanto, a arte de Wendland, apesar de seu tratamento decididamente moderno dos temas pictóricos - por exemplo, pela renúncia consciente de pintar as pinturas "Velho Mestre" até o último detalhe - mostra uma grande familiaridade e afinidade com as tradições pictóricas de períodos artísticos longínquos.

Nina Sitz, Paris





VISITE NA FÁBRICA BRAÇO DE PRATA


NOMAD FEST
Dil Mastana
Diego el Gavi
Flamen4tet
Miss Manouche
Noninho & Pam Pam
Dj Johnny
Selecta Tupimambo
Caesar Barbosa
14 DEZ
FÁBRICA BRAÇO DE PRATA

Sem Nunca Perder-se

Por Raquel Lima

Django Reinhardt é um dos mais célebres guitarristas de todos os tempos. Deixou, em sete álbuns, uma marca tão forte e indelével na música contemporânea, capaz de calar qualquer estereótipo, conceito prévio ou folclorização que a própria origem pudesse despertar.

Nascido na Bélgica, em 1910, Reinhardt era cigano. A forte musicalidade deste povo - que ensina a meninos e meninas melodias rápidas e vocais lamuriosos desde muito cedo - fez dele um impressionante tocador de banjo, com apenas 10 anos. Eram os loucos anos 20, que estamos a celebrar neste número da Desarmada. Só uma década depois, Reinhardt viria a conhecer o jazz, com o qual influenciaria milhares de músicos e seria inspirado a criar o gypsy jazz.
Reinhardt faleceu em 1953, mas - mesmo tendo sido um guitarrista virtuoso e um compositor gigante - não deve ser o único nome incontestável na cultura cigana, que é tão vasta como os quilómetros que os nómadas percorreram desde a Índia até os recônditos do mundo.



Django Reinhardt

Só na Europa, há o equivalente a um Portugal inteiro de ciganos: 11 milhões de cidadãos espalhados por Espanha, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Hungria, Croácia, Eslováquia, Sérvia, Grécia, Roménia, Bulgária, Ucrânia, Lituânia, Estónia, e claro, Portugal.





Jean-Baptiste Camille Corot: Cigana com Bandolim (1874)

"O cigano andou por todo lado, a assumir a cultura de onde estava, mas sem abandonar a própria raiz",

lembra o trompetista e director do Curso de Jazz da Escola de Música da Fábrica, Ricardo Pinto. Se na diáspora cigana a música acaba por atravessar territórios e expandir-se num intercâmbio cultural, ao mesmo tempo mantém características inconfundíveis, como a linha melódica, a sincopação, a harmonia de acordes maiores e menores, e a vocalização.

Seja em batizados ou casamentos ou velórios, o povo cigano canta (e dança). Os registos em papel são escassos, pela tradição ser maioritariamente oral, mas há registos de composições em alaúde nos anos de 1400.

Na cena mais contemporánea, há grandes nomes como os Musafir do Rajastão, o flamenco de Paco de Lucia e Camarón de la Isla, ambos de Espanha, ou de Diego El Cigala, da Dominica. O The Kolpakov Trio é formado por afamados mestres da guitarra de sete cordas da Rússia. Ainda do Leste, o folk húngaro dos Kali Jag e os Fanfare Ciocarlia, para além dos romenos da Taraf de Haidouks, liderada pelo grande violinista Nicolae Neacsu, e das canções "de casamento" do turco-búlgaro Yuri Yunakov. Dos Estados Unidos, mas advindos de diversos pontos no mapa, o punk dos Gogol Bordello.

A procura desta contemporaneidade na música cigana actual é a mola propulsora do Nomad Fest.

Reunimos os melhores momentos num vídeo de 1 minuto a que podes aceder aqui.

Pioneiro em celebrar a cultura cigana em Lisboa, o festival apresentou oito horas ininterruptas de concertos e foi aberto com rápido pronunciamento da Secretária de Estado para a Integração e as Migrações, Cláudia Pereira.

Os mais jovens nomes do cartaz, Noninho & Pampam, abriram a noite, com canções autorais sobre dissabores amorosos. O fraseado potente dos dois encantou uma Sala Visconti lotada e pavimentou o caminho para os Rajasthan Boys. O ritmo e alegria de três componentes da Dil Mastana foi contagiosa.

A sala Nietzsche ressoou com o vozeirão e a emoção de Diego El Gavi, o próximo grande nome do flamenco em Portugal.

Foi dele a responsabilidade de cantar à frente do Flamen4tet, enquanto Sofia Abraços transformava a sala de honra da Fábrica em tablado flamenco. No concerto seguinte, El Gavi











Curadora musical desta casa, Silvia Rebelo lembra que há muito tempo estes nomes se vêem encontrando nos palcos da casa, sem que em nenhum momento anterior se tivessem cruzado verdadeiramente - facto que tornou a noite ainda mais especial.



Ó guitarrista brasileiro Ceasar Barbosa, que pôs a alma cigana à prova ao viajar pelo mundo inteiro ao lado de Elza Soares e Seu Jorge, abriu a noite da sala Foucault, antes do Miss Manouche.



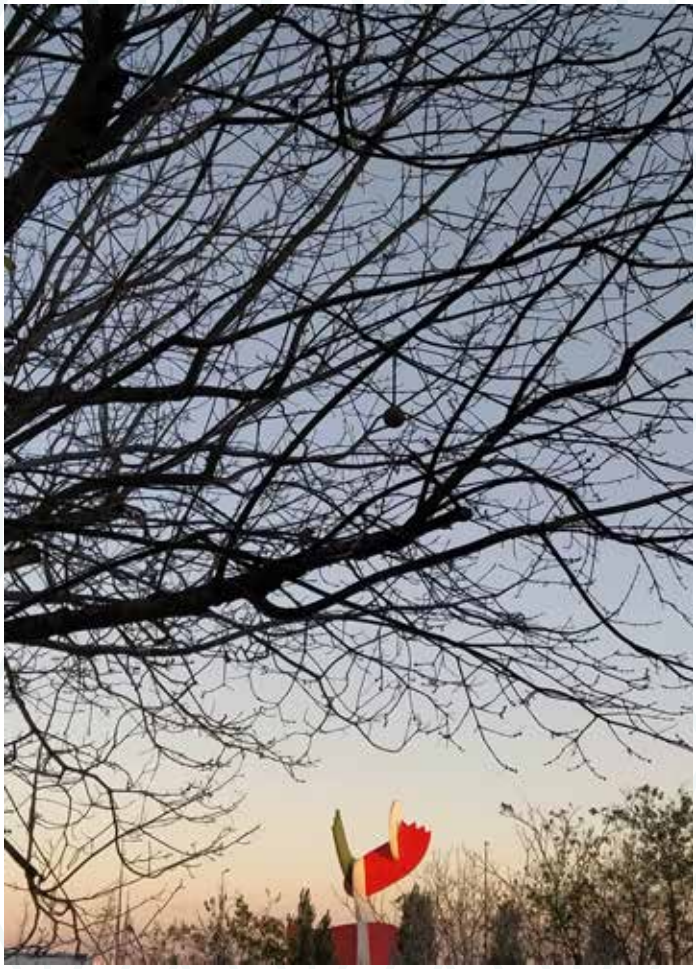
Como de praxe nas festas temáticas da Fábrica, a exemplo do Kora Fest e da Fiesta de Los Muertos, a cozinha também foi dedicada aos sabores da noite. No caso da Nomad Fest, à gastronomia de raiz cigana. A ementa incluiu Fatias ciganas de presunto, tomate e queijo (ou com seitan, na versão vegetariana), Goulash Húngaro como prato principal (também com opção vegetariana) e Kalakand, como sobremesa. Uma viagem gastronómica a condizer com a riqueza cultural de um povo feito de muitos povos.

The Terra Compartilhada Summer School in Lisbon



In June 2020, the alternative cultural space *Fábrica Braço de Prata* and the new research center *The Institute of Speculative and Critical Inquiry* will launch the first in a series of annual, ten-day summer schools in the theoretical humanities and social sciences. In collaboration with leading and emergent intellectuals drawn from around the world, the Terra Compartilhada Summer School seeks to provide graduate and pregraduate students, postdoctoral scholars, artists, and others with an affordable opportunity to engage in cutting-edge intellectual and critical discussion on topics such as queer and transgender theory and cosmopolitical thought in an intensive, in situ format.

Fábrica is a former imperial palace located in southeastern Lisbon, where it was long used as a federal armaments factory before falling into disuse and being repurposed into a cultural center by its director, Nuno Nabais (who is also a professor in the Department of Philosophy at The University of Lisbon). Boasting a full-service restaurant, two performance spaces, an academic and literary bookstore, a café, gallery spaces, classrooms, and outdoor terraces, Fábrica is uniquely suited for an immersive intellectual event. In addition to 7-8 days of large and small-group seminars led by faculty, participants will take their meals on site at Fábrica with the option of staying in pre-reserved hotels nearby (food is covered with the cost of tuition, and lodging can be added for an additional price). Intellectual exchange can therefore continue after hours, including during the music and performance events that regularly take place at Fábrica. Organized outings to Lisbon art and cultural institutions are also envisioned.



The inaugural program of Terra Compartilhada concerns the theme of the borders and outsides of domesticated thought as it emerges in both queer theory and cosmopolitical theory. A ten-day summer school will be devoted to each of those nexuses of thought, starting with **“Queer Theory Rewilded”** taught by Jack Halberstam, Tavia Nyong’o, and Damon Young (June 14-24) and continuing with courses on **“Cosmic Alternatives”** led by Ann-lise François, Yuk Hui, Patrice Maniglier, and Peter Skafish (June 28-July 8). Each 10-day summer school will commence with a Sunday evening introduction and orientation and be followed by 5 or so hours of daily large and small seminar discussion from Monday through Thursday, a shorter session on Friday, and a full schedule again on the following Monday and Tuesday. Weekends will be devoted to informal discussion, cultural events and outings, and free time. Basic tuition costs cover three meals per day and housing for can be added at an additional price (ten nights beginning the first Sunday of any given school and ending Wednesday morning).



To apply, please send an application in the form of a letter of interest, a brief CV, and a piece of your writing, artwork, or other sample of your thinking or work to isci@theisci.org by January 21, 2020.

Applications will continue to be accepted after that date, but early application is encouraged due to high demand.

Costs. Tuition for one summer school covers 7-8 days of instruction and three meals per day, with the price then varying according to whether housing is added: tuition is €640 without housing; €1240 if a room in a basic hotel is added; and €1540 if a single room in an upgraded hotel is added. Tuition for accepted applicants is due in advance and is nonrefundable except under truly exceptional circumstances. (If you cannot afford tuition due to serious financial burden, please inquire with the ISCI about the possibility of reduced tuition. We are attempting to offer some scholarships but cannot promise them at this time.)



Queer Theory Rewilded

Sunday June 14-Wednesday June 24

Faculty: Jack Halberstam, Tavia Nyong'o and Damon Young

Queer theory has from the outset raised the question of its own proper subjects and objects, and its ongoing project includes rethinking its foundations, genealogies, and trajectories. This seminar will take up the problem-space of queerness at a particular juncture, one characterized by the decentering of the Western liberal subject, and the emergence of new imaginaries and forms of solidarity. What will "queer" mean or do in these contexts? What methods and counter-methods will be called for?

Through collective readings of classic and new texts in the history of sexuality and theories of the body and power, we will track some of the intellectual lines of flight opened up by the encounter between "queer" and "theory," under topic headings that may include: queer kinship; queer collectivity; digital media; wildness; post-humanism; and fabulation. During the morning sessions, Halberstam, Nyong'o and Young will offer readings and exercises drawn from a rangy archive of queer theory. In the afternoons, the seminar leaders will put these texts into action and engage seminar participants in debate, thought experiments, writing projects and rigorous discussion filtered through a series of readings, doings, performances and images. At the end of each day we will sum up, expand, conclude, begin again. To apply, please send a letter of interest and a sample of your writing or art or other representative work to isci@theisci.org indicating that you are applying to the "Queer Theory Rewilded" school.



About the faculty:



Jack Halberstam is Professor of Gender Studies and English at Columbia University and the author of the books Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters, Female Masculinity, In a Queer Time and Place, The Queer Art of Failure, Gaga Feminism: Sex, Gender, and The End of Normal, and, most recently, Trans*: A Quick and Quirky Account of Gender Variance. Places Journal awarded Halberstam its Arcus/Places Prize in 2018 for innovative public scholarship on the relationship between gender, sexuality, and the built environment. Halberstam has also just completed a book titled Wild Things: The Disorder of Desire and is currently working on a companion volume titled The Wild Beyond: Art, Architecture, and Anarchy.



Tavia Nyong'o teaches black and queer studies at Yale University, where he is Professor of African American Studies, American Studies, and Theater & Performance Studies. He is the author of two books, The Amalgamation Waltz: Race, Performance, and the Ruses of Memory and Afro-Fabulations: The Queer Drama of Black Life, along with numerous articles in academic and art venues. He co-edits the book series Sexual Cultures for New York University Press.



Damon Young is Associate Professor of French and Film & Media at the University of California, Berkeley, where he also teaches in the Program in Critical Theory, the Designated Emphasis in Women's Gender, and Sexuality Studies, and the Berkeley Center for New Media. He is the author of Making Sex Public and Other Cinematic Fantasies and the co-editor, with Nico Baumbach and Genevieve Yue, of "The Cultural Logic of Contemporary Capitalism," a special issue of Social Text, and, with Joshua Weiner, of "Queer Bonds," in GLQ.

Cosmic Alternatives: Plural Thought In and Out of Modernity

Sunday June 28-Wednesday July 8

Faculty: Ann-lise François, Yuk Hui, Patrice Maniglier, and Peter Skafish

The cosmos and radical pluralism name two of the signal problematics of a line of recent ontological and critical thinking that cuts through anthropology, art theory, comparative literature, philosophy, sociology, science and technology studies and a series of nonacademic currents of thought practiced by people such as shamans and feminist witches. As much as some of the segments composing that line—such as ontological anthropology, neostructuralism, cosmopolitical speculation, the Latourean modes of existence project, and literary ecocriticism—enjoyed international attention in the early and middle parts of the last decade, most of the researchers currently furthering them are not concentrated in any geographic or academic center where graduate students, postdoctoral fellows, artists, and other practitioners might learn about and pursue their interest in them. This Fabrica/ISCI summer school therefore aims to present its participants with the unique opportunity to enter into concentrated dialogue with a cohort of second-generation thinkers involved in furthering this line of thought, particularly where it concerns "cosmotechnics" and/or technics other than those of modernity; the legacy of structuralism in philosophy and the human sciences; ontological anthropology and "polyrealism"; pluralistic philosophy and non-Western variations of thought; and ecology and planetarity. Over a ten-day period, participants will engage in 7-8 days of large and small-group seminars focused on presentations of the current research of instructors, discussions of brief readings, friendly debates, and exercises in intellectual diplomacy.

Leading the seminar will be Ann-lise François, Yuk Hui, Patrice Maniglier, and Peter Skafish, who will respectively focus in their teaching on ecocriticism, cosmotechnics, the legacy of structuralism in philosophy, and ontological anthropology.

To apply, please send a letter of interest and a sample of your writing or art or other representative work to isci@theisci.org indicating that you are applying to the "Cosmic Alternatives" school.



About the faculty:



Anne-Lise François is Associate Professor of English and Comparative Literature at the University of California, Berkeley and author of Open Secrets: The Literature of Uncounted Experience. Her current book project Provident Improvisers: Parables of Subsistence in the Time of Enclosures traces the contradictory logic of modern capitalism's ways of enclosing time and stocking reserves, and looks to alternative, seasonal ways of living "without reserves" in parables of subsistence. Related essays have appeared in the collection Anthropocene Reading and Qui Parle, Minnesota Review, Postmodern Culture, and Diacritics.



Yuk Hui is Visiting Lecturer at the China Academy of Art in Hong Kong and has held positions at the Institut pour la recherche et l'innovation at the Centre Pompidou and Leuphania University. He is the author of the books On the Existence of Digital Objects, The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechnics, and Recursivity and Contingency as well as the co-editor of both 30 Years after Les Immateriaux: Art, Science, and Theory and a forthcoming special issue of Angelaki on cosmotechnics.



Patrice Maniglier is Maître de conférences in the Department de la Philosophie at l'Université de Paris, Nanterre. He is the author of the books La vie énigmatique des signes: Saussure et la Naissance du Structuralisme, La Philosophie qui se fait, and Foucault at the Movies as well as the introduction to Roman Jakobson-Claude Lévi-Strauss: Correspondance: 1942-1982 and numerous articles on French philosophy and the human sciences in the 20th century. He was also until recently the editor of the journal Les Temps Modernes.

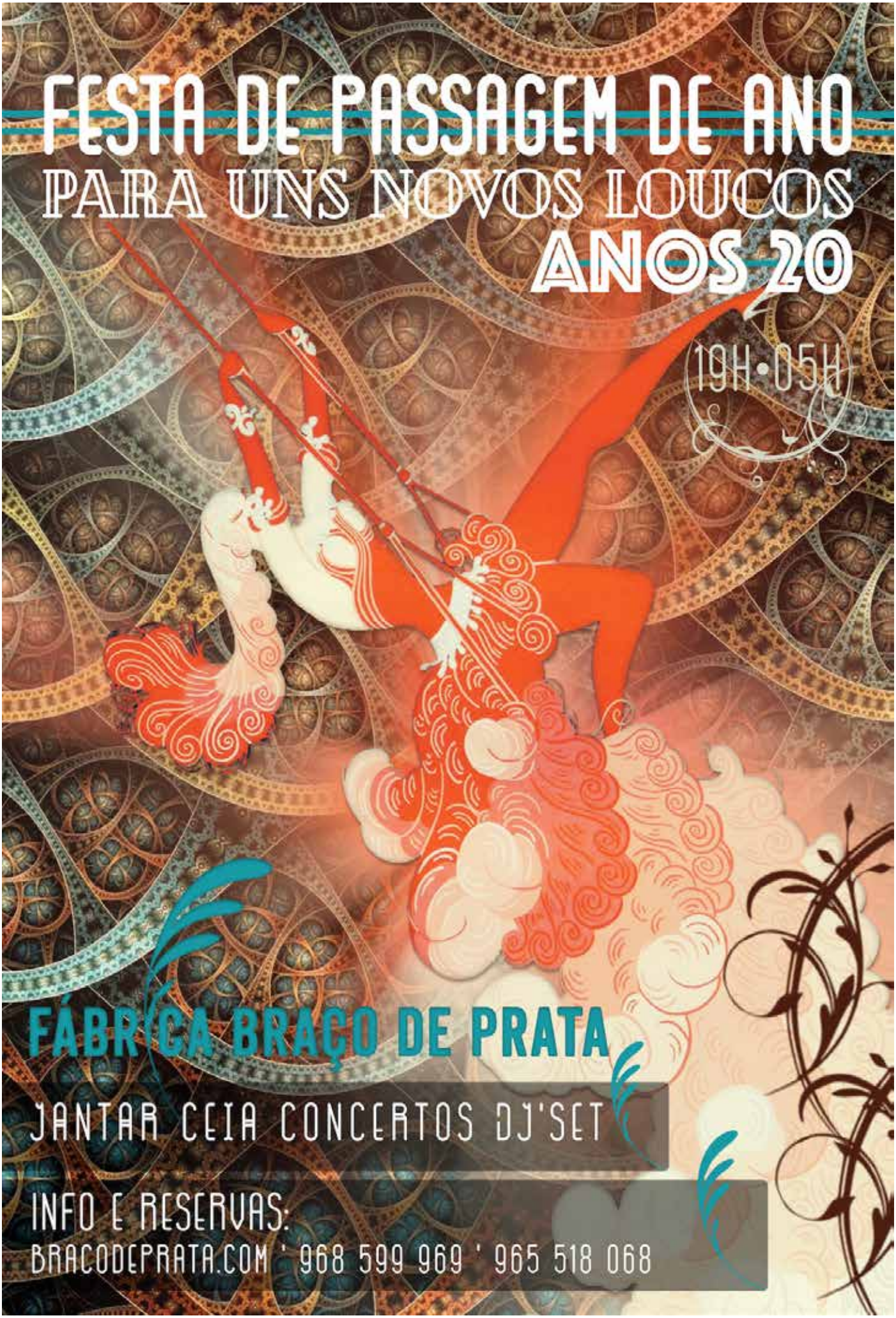


Peter Skafish directs the Institute of Speculative and Critical Inquiry and has held teaching and research positions at The University of California, Berkeley, the Collège de France, and McGill University. He is the co-editor of Comparative Metaphysics: Ontology after Anthropology, the translator of Eduardo Viveiros de Castro's Cannibal Metaphysics and Catherine Malabou's The Heidegger Change, and the author of the introduction to Claude Lévi-Strauss's From Montaigne to Montaigne. He is currently finishing the book Rough Metaphysics: Speculative Thought in an American Channel.

Curso de Filosofia Contemporânea
Fábrica do Braço de Prata



Clique aqui para aceder à palestra de Helena Roseta


FESTA DE PASSAGEM DE ANO
PARA UNS NOVOS LOUCOS
ANOS 20
19H • 05H
FÁBRICA BRAÇO DE PRATA
JANTAR CEIA CONCERTOS DJ'SET
INFO E RESERVAS:
BRACODEPRATA.COM ' 968 599 969 ' 965 518 068

COM:

MARIA JOÃO
SÍLVIA NAZÁRIO
HAVANA WAY
TUPINAMBO
SWING STATION
JOÃO GENTIL
ESPÍRITO NATIVO
MICHEL WILLIAM
YAMI
FOGGY
ROTSEN E AREIA
RODA DE CHORO
OS COMPOTAS
ESPAÇO BAIÃO

AGENDA DO MÊS

SEGUNDAS: FADO | TERÇAS: CHORINHO | QUARTAS: CURSO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA, TRADBALLS | QUINTAS: JAM SESSION | SEXTAS: STAND UP PHILOSOPHY | SÁBADOS: BRACINHO DE PRATA, GUIDA SCARLATTY

ESPECIALMENTE EM DEZEMBRO:

4
BOSSA E MORNA

5
TRIO ZENICOLA / LENCASTRE / VALINHO

6

SOL DE LUANDA
DUO RIO
ESPECTÁCULO HAVERÁ
RICARDO PINTO CONVIDA
DJ SET ANDRÉ XINA E TUPIMAMBO
AREIA & NOVO TERNO

7

LISBOA DUB CLUB
NELSON CASCAIS QUINTETO
LÚDICA MÚSICA
PROJECTO BUG
IRENE BERTACHINI

11

HA KWAI

12

MICHEL WILLIAM
JAM SESSION

13

TIAGO BARBOSA
VICTOR ZAMORA TRIO
MINEIRIDADES
BECK & LOPES QUARTETO

14

NOMAD FEST

18

BOSSA & MORNA

19
JAM SESSION

20

OXIBA
RICARDO PINTO CONVIDA
DANILO LOPES QUINTETO
DJ SET MARCIO & PANCHO
CICERO LEE TRIO

21

BAQUE MULHER LISBOA
NICOLE EITNER - CONCERTO DE NATAL
ANDRÉ VIAMONTE
CANTO GUERREIRAS
DIEGO EL GAVE
DJ IGUANA

26

JAM SESSION

27

GONÇALO SOUSA QUARTETO
REMEXIDO
HAVANA WAY

28

ZAMORA TRIO
CAMILA MASISO
GRUPO CHORO DA FÁBRICA

31

FESTA DE PASSAGEM DE ANO

Ficha técnica

Direção: Nuno Nabais

Coordenação: Silvia Rebelo

Edição: Felipe Raizer

Colaboradoras: Anita Pinto, António Segurado, Nina Sitz e Raquel Areia.

Fotografia e Vídeos: Felipe Raizer e Gabriel Bieco Garcia.

7° edição, Dezembro 2019

www.bracodeprata.com